



MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA ENUNCIÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO EM DEBATES ELEITORAIS TELEVISIONADOS DE 2014: AÉCIO NEVES E DILMA ROUSSEFF

Ariana da Rosa Silva¹

INTRODUÇÃO: A PESQUISA

Esta pesquisa, filiada à Análise do Discurso, tem o objetivo de mostrar um recorte de nossa dissertação de mestrado, desenvolvida na Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Bethania Mariani. Interessa-nos apresentar aqui, o estudo realizado em relação à memória e ao esquecimento na produção de efeitos de sentidos no discurso político dos debates eleitorais televisionados da campanha presidencial de 2014, em dizeres dos candidatos Aécio Neves do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT).

O *corpus* de nossa dissertação foi composto por enunciados de ambos os candidatos em dois debates televisionados, sendo o primeiro da campanha (primeiro turno) transmitido pela *Bandeirantes* no dia 21 de agosto de 2014 e o último da campanha (segundo turno), transmitido pela *Globo* no dia 24 de outubro do mesmo ano.

Neste trabalho, apresentamos análises de algumas sequências discursivas, nas quais observamos o funcionamento do político no trabalho de estabilização e desestabilização de sentidos, que, em uma relação sempre conflituosa, retomam dizeres e apagam outros na enunciação dos debates.

A ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso foi proposta por Pêcheux (2014a [1969], 2014b [1975]) na França na década de 60 e desenvolvida no Brasil por Orlandi (2003 [1984]) na década seguinte. Esta é uma teoria que propõe colocar em questão a evidência do sujeito e dos sentidos naturalizada pelo efeito ideológico. Esta disciplina coloca-se no entremeio, sempre levando em conta a incompletude da linguagem (ORLANDI, 2007), permitindo haver uma interpretação possível em determinadas condições de produção.

O objeto teórico da Análise do Discurso é o discurso, que é definido como efeito de sentidos entre locutores. No entanto, este objeto não está pronto, precisa ser construído pelo analista no movimento de análise. Assim, devemos considerar a linguagem em relação à constituição dos sujeitos e dos sentidos (ORLANDI, 1994), sempre levando em conta a historicidade no dizer. Pode-se dizer que a Análise do Discurso tem como objetivo trabalhar “no entremeio, fazendo uma ligação, mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva” (ORLANDI, 2007, p. 25). Além disso, trabalha no lugar possível da interpretação. A prática das análises deve ser feita sempre no batimento entre os gestos de interpretação e de descrição, que

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem (UFF), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Bethania Mariani.



devem ser regulados pelo analista, de acordo com o dispositivo de análise constituído a partir de seu *corpus*.

Devemos ainda considerar que esta teoria, à qual nos filiamos, não está acabada, mas sempre buscando reinvestigar “os fundamentos de seu campo de conhecimento: as relações entre a linguagem, a história, a sociedade e a ideologia, a produção de sentidos e a noção de sujeito” (MARIANI, 1996, p. 21).

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA ENUNCIÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO DOS DEBATES ELEITORAIS: UMA LUTA DE FORÇAS

Devemos considerar que, nas condições de produção dos debates eleitorais televisionados, nem tudo pode ser dito, havendo um silenciamento da ordem da censura (ORLANDI, 2015 [1990]), em relação às formações discursivas dominantes, regendo o que pode (ou não pode) e deve (ou não deve) ser dito nestas condições. Assim, na Análise do Discurso, há que se considerar a memória funcionando no dizer, no dito e no não-dito, no que é silenciado em determinadas condições de produção.

Há, de acordo com Pêcheux (2015), “um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente como os implícitos que ela veicula, confortá-la como ‘boa-forma’ estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo” e, em oposição, há “o jogo de força de uma ‘desregulação’ que vem perturbar a rede dos ‘implícitos’” (PÊCHEUX, 2015, p. 47). Desta forma, uma força busca a estabilização e manutenção dos sentidos, enquanto outra, em força contrária, se coloca a desestruturar o que é regularizado pelo pré-construído, pela memória.

Sendo assim, podemos dizer que o trabalho da memória, na medida em que tenta “neutralizar o heterogêneo (seu aspecto coercitivo)”, naturalizar as “relações sócio-históricas” e literalizar os sentidos, através do funcionamento ideológico, “com a manutenção de um universo lógico de enunciados (coesos e coerentes) vai ao encontro do imaginário do modo de existência do sujeito pragmático” e seu desejo por um mundo ‘semanticamente normal’, ou seja, onde tudo esteja estabilizado e sem riscos (MARIANI, 1997, p. 39).

Existe sempre um confronto, uma luta de forças na busca pela hegemonia e fixação dos sentidos, que não ocorre de forma amigável, mas sempre conflituosa, a partir do encontro de uma atualidade com a memória. Isto pode ser verificado em nosso *corpus*, como exemplo, nas sequências (SD1 e SD2) que seguem, retiradas do debate transmitido pela *Globo*:

SD1: O seu governo optou por financiar a construção de um porto em Cuba, gastando R\$ 2 bilhões do dinheiro brasileiro, do dinheiro do trabalhador brasileiro, enquanto nossos portos estão aí aguardando investimentos. Nenhum teve investimentos nessa monta. O que é mais grave: esse financiamento vem com carimbo de secreto, ele não é acessível à população brasileira. O que o seu governo tem a esconder, candidata, em relação ao financiamento do porto de Mariel em Cuba? (Candidato Aécio, Debate TV Globo, 24 de outubro, 2014).

SD2: O meu governo nada, agora acredito que o seu tem muito o que esconder quando se trata dos gastos com publicidade, não claramente veiculados no que se



refere aos jornais e à televisão da sua família. Acredito, senador, que **é necessário a gente parar e olhar com muita cautela essa questão do porto. Nós financiamos uma empresa brasileira, que gerou emprego no Brasil.** Tanto que gerou emprego que foram quase que, dos 800 milhões contratados, nós conseguimos gerar quase 156 mil empregos. **E quero lembrar ao senhor que também o governo Fernando Henrique financiou empresas brasileiras a exportar e a colocar produtos tanto na Venezuela quanto em Cuba.** Então eu não entendo o estarecimento do senhor (Candidato Dilma, TV Globo, 24 de outubro, 2014).

Podemos observar nas sequências dos dois candidatos um mesmo fato: o investimento do dinheiro brasileiro na construção de porto em Cuba. No entanto, percebemos que há uma disputa, um luta de forças divergentes ao tratar do assunto, isto é, o mesmo fato apresenta dois sentidos distintos nas formulações.

Por um lado, em SD1, sequência retirada de pergunta feita pelo candidato Aécio à candidata Dilma, mostra-se que o investimento no Porto de Mariel em Cuba tem sentido negativo, injusto para o povo brasileiro, por utilizar “dinheiro do trabalhador brasileiro” para investimento fora do país, enquanto, no Brasil, os “portos estão aí aguardando investimentos”. Busca-se, neste caso, fixar um sentido de que este investimento não é benéfico para o povo brasileiro e, para confirmar isso, afirma que este investimento está sendo feito sem o conhecimento da população, “ele não é acessível à população brasileira”.

De outro lado, na segunda sequência, SD2, Dilma apresenta sua resposta ao candidato. Neste caso, o investimento feito no porto de Mariel é significado de forma positiva. Primeiramente por se tratar, como afirma, de um investimento em “uma empresa brasileira, que gerou emprego no Brasil” e que, portanto, trouxe benefícios para o país. Além disso, afirma que também o governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso realizou investimentos da mesma forma, retomando a história para justificar, fortalecer e fixar o sentido na disputa que se coloca.

CONCLUSÕES

Em nossas análises, pudemos verificar que o trabalho da memória e do esquecimento funciona sempre em uma reatualização e fixação de sentidos, mostrando pontos positivos que favoreçam aos candidatos e fatos negativos que desqualifiquem o candidato adversário, configurando-se em uma luta de forças pela estabilização de sentidos. Isto nos faz perceber, retomando os postulados teóricos de Pêcheux (2015) e Courtine (1999), que a história e a memória são fundamentais na enunciação do discurso político.

Tudo isso, levando em conta que, consoante Mariani (1996), as correntes políticas a todo tempo se inscrevem no processo de constituição da memória social, que vai sendo construída em meio às tensões entre as formações discursivas para afirmar as suas posições e negar a de outros.

Sendo assim, é possível dizer que é por meio da reatualização ou do apagamento de determinados acontecimentos que se torna possível a constituição de sentidos.

Apaga-se, portanto, o que não deve ser reatualizado, ou seja, o que deve ser esquecido na história e retoma-se o que vai fortalecer o seu discurso e desestruturar o candidato adversário no



momento da enunciação, retomando uma memória que é, muitas vezes, apagada por um lado da história.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J. J. *O Chapéu de Clémentis*. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

MARIANI, B.S.C. *Discurso, memória, esquecimento e acontecimento*. Caderno de Letras da UFF. n. 14. Niterói: Instituto de Letras, 1997.

MARIANI, B.S.C. *O comunismo imaginário; práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922/1989)*. Tese de doutorado, IEL/UNICAMP, Campinas, SP: 1996.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. As formas do discurso. Pontes. Campinas, São Paulo: 2003 (1984).

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4ª reimpressão da 6ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015 [1990].

ORLANDI, E. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes. 5ª edição, 2007.

ORLANDI, E. P. *Discurso, Imaginário social e conhecimento*. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. [1969] In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, M. *Papel da Memória*. In: ACHARD, Pierre [et al.], *Papel da Memória*. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. [1975] [1988]. Tradução Eni P. Orlandi. 5ª edição. Campinas, SP: Unicamp, 2014b.